

Título original:
Russia: a History, third edition

Copyright © Oxford University Press, 1997, 2002, 2009
Todos os direitos reservados

Tradução: Pedro Elói Duarte

Revisão: Cátia Loureiro

Capa de FBA

Depósito Legal n.º 427998/17

Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação

HISTÓRIA DA RÚSSIA

História da Rússia / org. Gregory L.

Freeze . - (História narrativa)

ISBN 978-972-44-1897-1

I – FREEZE, Gregory L., 1945-

CDU 94(470+571)

Paginação:

MA

Impressão e acabamento:

PAPELMUNDE

para

EDIÇÕES 70

em

Junho de 2017

Direitos reservados para Portugal e países africanos de língua oficial portuguesa
por Edições 70

EDIÇÕES 70, uma chancela de Edições Almedina, S.A.
Avenida Engenheiro Arantes e Oliveira, 11 – 3.º C – 1900-221 Lisboa / Portugal
e-mail: geral@edicoes70.pt

www.edicoes70.pt

Esta obra está protegida pela lei. Não pode ser reproduzida,
no todo ou em parte, qualquer que seja o modo utilizado,
incluindo fotocópia e xerocópia, sem prévia autorização do Editor.
Qualquer transgressão à lei dos Direitos de Autor será passível
de procedimento judicial.

4.

A era petrina e depois

1689-1740

JOHN T. ALEXANDER

Pedro inaugurou um período imperial e radicalmente europeizado da história russa. Partindo de raízes do século XVII, ampliou as reformas para incluir praticamente todas as dimensões do Estado e da guerra, a sociedade, a economia e a cultura. Os seus herdeiros, que invariavelmente evocaram Pedro como um ícone secular para legitimar o poder e a política, continuaram (ainda que de maneira menos ambiciosa) com os seus esforços para transformar a Moscóvia medieval na Rússia moderna.

Pedro I está associado a muitas novidades na história russa. Foi o primeiro legítimo soberano moscovita a ter esse nome em russo e em línguas europeias (Piter em holandês), o primeiro a usar um numeral romano depois do nome, o primeiro a viajar incessantemente por terra e mar e a aventurar-se no estrangeiro, o primeiro intitulado imperador e «o Grande, o Pai mais Sábio da Pátria», o primeiro a inspirar mudanças radicais em várias esferas de atividade, o primeiro a fundar localidades urbanas com o seu nome, o primeiro a ser sepultado em Sampetersburgo e o primeiro cujo nome marcou toda uma era que abrangeu o nascimento

da Rússia moderna num contexto europeu expandido. A sua personalidade imperiosa impressionou o mundo de tal maneira, que o seu impacto ainda hoje continua a ser fortemente controverso. Com a inscrição «Grande Esperança do Futuro», a medalha cunhada no seu nascimento no Kremlin, em 30 de maio de 1672, anunciava os sentimentos dinásticos investidos no bebé enorme, nascido com quase oitenta e quatro centímetros. Este rótulo inaugurou uma série de outros sobre Pedro durante toda a sua vida agitada (1672-1725) e muito depois. Muitos louvaram os seus atributos pessoais: czar-guerreiro, czar-artesão, czar-transformador, homem do Renascimento, o grande reformador que deu à Rússia um novo «corpo» preparado para uma nova «alma». Outros deploraram as qualidades negativas: Anticristo, o *Cavaleiro de Bronze*, o primeiro bolchevique, déspota brutal, figura de culto e personificação de uma ditadura de estilo totalitário assente na expansão forçada – um líder impiedoso equiparado a outros fanáticos da melancolia como Ivan, o *Terrível*, Lenine e Estaline. O seu físico imponente – dois metros e um centímetro de altura quando adulto – obscurecia os contemporâneos, tal como a sua sombra histórica domina o moderno discurso político e cultural russo. A sua fisionomia e figura foram descritas em muitos meios e línguas ao longo de três séculos. A sua fama e notoriedade adquiriram uma estatura lendária.

É impressionante que os primeiros filhos do czar Aleixo com a sua segunda mulher tenham sido tão precoces e longevos, em contraste com os filhos doentes e as múltiplas filhas do seu primeiro casamento. De facto, esta originalidade revelou-se crucial na escolha de Pedro, de nove anos, por uma assembleia improvisada, para suceder ao seu meio-irmão Teodoro em 27 de abril de 1682. Um mero testa de ferro para um regime dos seus parentes Narichkin, a elevação de Pedro suscitou resistência imediata da primeira família do seu pai, os Miloslavskis, liderada por Sofia em defesa da precedência dinástica de Ivan, com dezasseis anos. Sofia e os seus parentes Miloslavski exploraram a dissensão entre os Streltsi a fim de canalizar a animosidade para os Narichkins; o resultado foi a revolta de maio de 1682, descrita no capítulo anterior, tal como os acontecimentos da regência de Sofia.

O casamento do jovem Pedro com Eudóxia Lopukhina, em 27 de janeiro de 1689, projetava uma maturidade iminente. Embora fosse um

casamento infeliz (o noivo partiu rapidamente para as suas diversões náuticas no lago Pleshcheevo), Eudóxia deu à luz o futuro *czarevitch* Aleixo em fevereiro de 1690 – outro golpe para os interesses dinásticos dos Miloslavskis. Sofia, apesar de designada «autocratrix» ao mesmo nível dos seus irmãos, nunca foi oficialmente coroada, e a sua autoridade diminuiu quando os partidários de Pedro voltaram a defender a sua causa. Não é certo quem iniciou o confronto final em agosto de 1689, mas o «partido» de Pedro ganhou muito mais apoio armado ao prevenir ostensivamente uma nova conspiração dos Streltsi, enquanto Sofia teve de deter Fiódor Chaklovityi – o seu novo favorito e chefe dos Streltsi – para interrogatório sob tortura, sendo depois executado. No fim de setembro, Sofia entrou no Convento de Novodevitchi como leiga. Depois de outra insurreição abortada dos Streltsi em 1698, Sofia aceitou a extinção política tomando os votos monásticos e morreu no isolamento conventual em 1704.

Primeiras viagens e as campanhas de Azov

No entanto, Pedro não assumiu imediatamente o papel de Sofia no governo, confiando os cargos mais preeminentes aos seus parentes Narichkin e aos seus amigos, como Boris Golitsine, Tikhon Stretchnev e Fiódor Romodanovski. O czar continuava a residir em Preobrajenskoi e, no outono de 1690, participou em elaboradas manobras de «brincadeira» que encenavam uma «derrota» dos Streltsi por uma força combinada de cavalaria nobre, regimentos de brincadeira e tropa de estilo estrangeiro. As suas atividades de construção de barcos e de navegação à vela em águas interiores também continuaram, bem como o seu fascínio por fogo de artifício na companhia de mercenários estrangeiros como Franz Lefort e Patrick Gordon. Começou a assinar como «Petrus», a beber fortemente e a fumar tabaco. Ignorava as cartas da sua esposa abandonada e perseguia abertamente Anna Mons, filha de um mercador de vinho alemão do Subúrbio Estrangeiro. Quando Pedro sofreu de diarreia hemorrágica durante duas semanas, em dezembro de 1692, os receios do regresso de Sofia ao poder suscitaram fortes rumores e, alegadamente, a elaboração de planos de fuga por Lefort e companhia.

Apesar das preocupações da sua mãe, Pedro deixou Moscovo em julho de 1693 com um séquito substancial para passar sete semanas em Arcangel. Tornou-se no primeiro soberano moscovita a ver o extremo norte e a velejar em alto-mar. Ajudou também a construir um navio de mar para futuras viagens. Os seus horizontes alargavam-se de dia para dia. A morte da mãe, em janeiro de 1694, só momentaneamente interrompeu as preparações para uma longa estada em Arcangel, de 18 de maio a 5 de setembro. Fez longas viagens; durante uma delas, sobreviveu a uma tempestade e desembarcou na ilha de Solovki, onde ergueu uma cruz com uma inscrição holandesa e uma data ao estilo europeu, «Esta cruz foi feita pelo capitão Piter *anno Domini* 1694» – prova de que sabia holandês e já previa as reformas em termos europeus. A nova frota começou a usar uma bandeira branca, azul e vermelha baseada nos padrões holandeses. Depois de regressar a Moscovo, de 23 de setembro a 18 de outubro de 1694, Pedro organizou grandiosas manobras militares que envolveram mais de sete mil homens. Um panfleto satírico registou os exercícios com desenhos, como vinte e cinco anões a marchar ao som de música militar. Com os Streltsi mais uma vez programados para a derrota, o «bombardeiro Pedro Alekséiev» celebrou a sua última guerra simulada antes da verdadeira batalha contra os turcos e os tártaros. Em concerto com a Liga Sacra da Áustria, Polónia-Lituânia e Veneza, e com o apoio financeiro do papado, o czar de vinte e dois anos pretendia montar o palco internacional para a recuperação das perdas de Vassili Golitsine.

A ambição desmedida era visível na escolha de Pedro do alvo principal: a fortaleza otomana de Azov, junto da foz do rio Don. Um objetivo mais difícil do que a própria Crimeia, Azov requeria operações combinadas por terra e mar. Pedro e os seus principais conselheiros militares tentaram evitar o erro de Golitsine de marchar pelas estepes áridas, levando a maior parte das forças mais para sul de barco. O ataque principal foi também aumentado por uma investida a oeste, sob o comando do boiardo Boris Cheremetev, para distrair as forças tártaras e capturar os fortes da fronteira turca. Embora o cerco de Azov tenha começado em inícios de julho de 1695, a falta de uma flotilha impossibilitava qualquer bloqueio naval; enquanto os otomanos reforçavam e reabasteciam a sua guarnição por mar, os atacantes sofriam grandes baixas com as investidas turcas e a falta de um comando unificado. A insistência de Pedro num ataque

desesperado, em 5 de agosto, provocou perdas enormes; a perfuração de uma mina, em 16 de setembro, mais não fez do que causar danos aos sitiados; no dia seguinte, outro assalto oneroso voltou a fracassar. Depois de terem levantado o cerco em 20 de outubro, os moscovitas sofreram ainda mais baixas – de exaustão, geadas e doenças – durante a retirada. A campanha ensinou lições duras ao impaciente czar, devidamente registradas em diários oficiais (preservados para o resto do reinado). Mas a retenção de duas torres fortificadas turcas (renomeadas Novosergeevsk) indicava que Pedro já estava a pensar numa nova campanha.

O novo ano começou de forma pouco auspiciosa: Pedro adoeceu durante quase um mês e o seu irmão Ivan morreu subitamente em 29 de janeiro. A morte de Ivan acabou formalmente com o dualismo dinástico, afirmou a soberania exclusiva de Pedro e abriu caminho a um regime agressivamente reformista e militarista. De saúde restabelecida, Pedro precipitou-se para Voronej a fim de reunir centenas de barcaças e galés para o novo ataque. Se a primeira campanha de Azov se revelou mais difícil do que o esperado, a segunda conduziu à capitulação da fortaleza com uma facilidade impressionante em 19-20 de julho de 1696. Engenheiros austríacos supervisionaram os trabalhos do cerco. O comando das forças terrestres estava centralizado no «generalíssimo» Aleksei Chein. Ironicamente, o poder naval moscovita predeterminou o desfecho ao impedir a chegada de reforços otomanos, embora os cosacos tenham travado grande parte dos combates – e não os navios tão fervorosamente construídos em Voronej. Ao navegar no mar de Azov, Pedro procurou um lugar para uma nova estação naval a algumas léguas a oeste, num ponto chamado Taganrog. A construção começou ao mesmo tempo que a reconstrução de Azov; os moscovitas pretendiam ficar de forma permanente. De regresso a Moscovo em finais de setembro, Pedro encenou um triunfo ao estilo romano com portões cerimoniais – os primeiros de muitos – decorados com o aforismo de Júlio César: «Chegou, viu e venceu.» Uma demonstração mais ameaçadora foi realizada em Preobrajenskoi uma semana depois: o desertor holandês Jakob Jansen, cuja traição custara a primeira campanha de Azov, foi desmembrado na roda e depois decapitado diante de uma multidão enorme.

A grande embaixada à Europa

Durante estas celebrações, Pedro sentiu a fragilidade do poder militar moscovita, sobretudo do poder naval. Ainda antes de regressar de Azov, começou a planear uma grande missão diplomática e de recrutamento às potências navais de Veneza e da Holanda. Esta «Grande Embaixada» envolveu duzentas e setenta pessoas (incluindo o próprio Pedro, incógnito entre muitos «voluntários») e enormes quantidades de bagagem, tudo por uma enorme soma estimada em duzentos mil rublos. A missão principal passou dezasseis meses fora de Moscovo, de 9 de março de 1697 a 25 de agosto de 1698, a maior e mais longa embaixada moscovita de sempre. Estava ligada a outras missões, como a de sessenta e um cortesãos enviados para estudar navegação; foi a primeira fração de cerca de vinte e seis grupos, totalizando mais de mil «voluntários» enviados sistematicamente para o estrangeiro em estudo e formação no período de 1697-1725 (outros indivíduos iam por sua própria conta). Uma missão paralela foi realizada pelo eminente boiardo Boris Cheremetev, que recrutou funcionários estrangeiros, distribuiu prendas em todos os sítios onde esteve na Polónia e em Itália, e visitou também os cavaleiros de Malta, que lhe atribuíram a Ordem de Malta. Petr Postnikov, com talento para as línguas, recentemente formado na Academia Eslavo-Greco-Latina e doutorado pela famosa Universidade de Pádua, juntou-se à Grande Embaixada na Holanda.

Pedro tentava manter a Grande Embaixada estritamente secreta no seu país e usava uma tinta especial invisível para as comunicações sensíveis. Estas precauções podem ter decorrido do receio de que pessoas «mal-intencionadas» pudessem explorar a ausência do czar, tal como antes os Streltsi teriam alegadamente conspirado para assassinar o czar e restaurar Sofia e Vassili Golitsine. Após uma investigação realizada pelo Gabinete Preobrajenski (o organismo policial a que foi atribuído jurisdição nacional sobre os crimes políticos em finais de 1696), o coronel Ivan Tsikler e dois alegados cúmplices boiardos foram horrivelmente decapitados sobre o cadáver exumado de Ivan Miloslavski, morto desde 1685. O incidente ocorreu uma semana antes da partida de Pedro para o estrangeiro. O Gabinete Preobrajenski investigara também uma «Missiva» de Abbot Avraami que criticava as políticas fiscais do Estado. Embora absolvido de intenção maliciosa, Avraami foi banido para um mosteiro

provincial, e três oficiais subalternos, acusados de o ter ajudado, foram enviados para trabalhos forçados. Todos estes castigos pretendiam obviamente intimidar a potencial oposição enquanto Pedro se ausentava no estrangeiro por tempo indefinido.

Em termos diplomáticos, a Grande Embaixada foi um fracasso por causa da ignorância de Moscovo em relação à política europeia corrente e à consequente inoportunidade. Os esforços para reforçar a aliança antio-tomana revelaram-se ineficazes: os aliados da Moscóvia fizeram a paz com os turcos no congresso de Karlowitz em janeiro de 1699, um passo que deixou Pedro furioso com a perfídia dos austríacos e venezianos, que «reparavam tanto nele como num cão». A embaixada chegou demasiado tarde para influenciar o Tratado de Ryswick, de setembro de 1697, que terminou com a Guerra da Liga de Ausburgo, ou o tratado entre o Sacro Império Romano-Germânico e a França um mês depois. Contudo, Pedro reuniu-se com vários homólogos europeus, especialmente com o herói militar Guilherme de Orange (Guilherme III de Inglaterra), Frederico III (eleitor de Brandeburgo e, pouco depois, rei da Prússia), o imperador Leopoldo I e Augusto II (eleitor da Saxónia e recentemente eleito rei da Polónia-Lituânia). A amizade instantânea com o exuberante Augusto II, a par do apoio vigoroso de Moscovo à sua eleição para o trono polaco, traduziu-se rapidamente numa aliança contra a Suécia. Além disso, a atrapalhada diplomacia moscovita mostrou que tinham de manter uma representação permanente nas principais cortes europeias e dar mais formação aos que serviam no estrangeiro. A habilidade linguística e experiência europeia do doutor Postnikov, por exemplo, resultaram na sua nomeação para a delegação moscovita ao congresso de Karlowitz; Postnikov pôs de lado a sua carreira médica em proveito do serviço diplomático em França, onde morreu por volta de 1709.

No que dizia respeito ao recrutamento de pessoal qualificado e ao enriquecimento intelectual e cultural, a experiência colheu muitos frutos e deixou impressões fortes. Os governos anfitriões esforçavam-se por impressionar o incansavelmente curioso e encantador czar. O seu retrato com armadura foi pintado na Holanda e em Inglaterra por Aert de Gelder e Godfrey Kneller. Viu todas as atrações locais, das lentes microscópicas de Antonie van Leeuwenhoek e do museu anatómico de Frederik Ruysch até ao famoso gabinete de curiosidades de Dresda e à

Casa da Moeda de Isaac Newton, hospitais, jardins botânicos, teatros, empresas industriais, instituições do governo e da Igreja. O polímata germânico Gottfried von Leibniz não conseguiu obter uma audiência, mas transmitiu propostas ambiciosas através do filho de Lefort. Pedro observou simulações de combates navais na Holanda e em Inglaterra, passou muito tempo em estaleiros navais, bebeu prodigiosamente e, por duas vezes, embateu contra outras embarcações enquanto velejava num iate inglês no Tamisa. O versátil e extravagante marquês de Carmarthen encantou o czar com as suas inovações náuticas e ajudou a obter um monopólio sobre a importação de tabaco para a Rússia, por meio de maquinações financeiras e da oferta do *Royal Transport*, o mais moderno navio experimental da Marinha inglesa. Além disso, Carmarthen ajudou a recrutar «especialistas» ingleses, como o professor de Matemática Henry Farquharson, os construtores navais Joseph Nye e John Deane, e o engenheiro John Perry. Todos desempenharam papéis fundamentais na criação da nova Marinha russa.

Os conselheiros doutos de Pedro, Jacob Bruce e Petr Postnikov, visitaram instituições educativas, médicas e científicas, compraram muitos livros, medicamentos e instrumentos, e contrataram centenas de especialistas, incluindo cerca de sessenta cirurgiões militares. A embaixada conduziu diretamente à contratação do doutor Nikolaas Bidloo, um médico holandês, e do doutor Robert Erskine, um escocês formado em Londres e no continente. Ambos passaram o resto das suas vidas na Rússia, tornaram-se amigos íntimos de Pedro e aconselharam-no em questões médicas, científicas e culturais. Membro da Royal Society, Erskine trabalhou como primeiro médico imperial e diretor da escola médica; em 1707, Bidloo fundou o primeiro hospital permanente e escola cirúrgica em Moscovo, equipada com um teatro anatómico e um grande jardim botânico. Preparando mais mudanças com vista à europeização, Pedro concedeu um monopólio de quinze anos sobre a importação de livros ao impressor holandês Jan van Thessing. As cidades e portos agitados, marinas e frotas mercantes, exércitos e indústrias da Europa e de Inglaterra reforçavam a sua determinação de fazer mudanças. Quando estava em Viena, em julho de 1698, Pedro abortou os seus planos de visitas demoradas a Veneza e a Roma quando soube da insurreição dos Streltsi e da tentativa de marcha sobre Moscovo.

Embora rapidamente suprimida, a insurreição dos Streltsi forneceu um pretexto ideal para purgar os desprezados «janízaros» através de torturas e execuções públicas em massa. Várias vítimas foram exibidas junto da cela do convento de Sofia. Os Streltsi constituíram a primeira instituição moscovita importante abolida pelo czar; outras, como a *duma boiarda*, o conselho do reino e os *gosti* (mercadores privilegiados e agentes fiscais do Estado), já estavam a desaparecer ou eram simplesmente desprezadas pelo soberano preocupado com questões militares. Também se divorciou de Eudóxia, que foi encarcerada num convento. Tendo supervisionado mil interrogatórios e execuções de Streltsi, Pedro partiu para Voronej três semanas depois. Aqui, começou a construir o navio *Predestinatsia*, de cinquenta e oito canhões, um prenúncio das suas ambições cada vez maiores, enquanto, em privado, prometia dissipar a sua própria «nuvem negra de dúvida».

As suas ambições náuticas no Sul inspiraram mais duas estadas em Voronej na primavera de 1699, apenas interrompidas pelo funeral de Lefort em Moscovo e pela fundação, em março, da Ordem do Apóstolo André, o Primeiro Chamado, a primeira ordem cavaleira da Moscóvia. Após o lançamento do *Predestinatsia*, em 27 de abril, entre grande fanfarra, Pedro chegou ao mar de Azov com catorze navios em inícios de junho. Mais tarde nesse verão, a esquadra do czar acompanhou o *Krepost* (Fortaleza), de quarenta e seis canhões, pelos estreitos de Querche, solicitando passagem para o seu enviado a Constantinopla.

Pedro voltou rapidamente a concentrar-se no Báltico, prevendo juntar-se à Dinamarca e à Saxónia para a partição do disperso Império Sueco, governado pelo seu rei-rapaz Carlos XII. Em novembro de 1699, o czar-guerreiro recrutou trinta e dois mil homens, chamados de «imortais» e destinados ao serviço vitalício. O novo século foi celebrado em 1 de janeiro de 1700 com a adoção oficial do calendário juliano e um dia inteiro de salvas de canhão, fogo de artifício e decorações festivas.

Reformas para a guerra

Sedento de ação em outubro de 1700, Pedro, no leito de morte do patriarca Adriano, pediu clérigos formados, militares, funcionários civis,

arquitetos e os que conheciam a «arte de tratar dos médicos». Conselheiros de língua alemã, como Heinrich van Huysen e o aventureiro livônio Johann Reinhold von Patkul, conheciam as ideias cameralistas de promoção da prosperidade por intermédio da administração esclarecida e da boa ordem («polícia», um termo que faltava no vocabulário russo). O manifesto de Pedro de abril de 1702, que convidava estrangeiros – oficiais militares, artesãos e mercadores – a entrarem ao seu serviço, apareceu na tradução alemã de Patkul e esboçava um programa de reforma emergente:

Tem sido a Nossa maior preocupação governar as Nossas terras de maneira que traga aos Nossos súbditos a Nossa intenção de lhes assegurar o bem-estar e o desenvolvimento. Com este fim, empreendemos não só promover o comércio, reforçar a segurança interna do Estado e preservá-lo de todas as maneiras dos perigos que possam prejudicar o bem comum, mas também instituir a boa ordem [*Polizei*] e tudo o que contribua para o melhoramento [*Cultur*] de um povo, para que os Nossos súbditos possam brevemente ficar aptos a formar todos os tipos de associação e a exercer várias atividades ao lado dos outros povos cristãos e civilizados.

Com o olho e a mente pragmática de um artesão, Pedro imaginava a transformação da Rússia numa grande potência, com o seu Estado e a sociedade baseados na tecnologia e numa organização concebida para maximizar a produção. As suas marcas seriam um exército e uma marinha de tipo europeu (suportados pela indústria pesada para produzir armas), aglomerados urbanos planejados segundo o modelo de Sampetersburgo e obras públicas em grande escala, particularmente canais que ligariam os principais cursos de água e os centros produtivos num conjunto económico integrado. Pedro chegou até a confiar a Perry a missão de supervisionar a construção de um canal que ligaria o Volga e o Don, um projeto demasiado ambicioso que só seria concretizado nos anos 30 do século XX.

Para prover as Forças Armadas de pessoal nativo e qualificado, Pedro começou a fundar instituições de ensino improvisadas. Pôs Farquharson e dois estudantes ingleses na direção da Escola de Matemática e Navegação de Moscovo (instalada no antigo quartel de um regimento Streltsi); o número de alunos aumentou de duzentos em 1703 para mais de quinhentos em 1711. Farquharson auxiliou Lonti Magnitski a compilar a

enciclopédica *Arifmetika* (1703), um dos primeiros livros russos a usar numerais árabes, e cumpriu diversas funções. Copiou outros livros para os seus estudantes, escreveu, traduziu e publicou obras científicas, e supervisionou trinta e oito traduções feitas por outros. Mapeou a estrada de Sampetersburgo para Moscovo, cartografou o mar Cáspio e foi a Voronej em 1709 para observar o eclipse solar. Transferido com trezentos e cinco pupilos para a Academia Naval de Sampetersburgo em 1715, ascendeu à patente de brigadeiro em 1737 e, quando morreu, deixou uma biblioteca com seiscentos livros (metade deles da Academia Naval). Uma escola de artilharia foi criada em Moscovo em 1701, com o número dos seus alunos a aumentar de cento e oitenta para trezentos em três anos, mas teve uma existência precária até ser transferida para Sampetersburgo com setenta e quatro pupilos em 1719. As escolas privadas e os tutores continuaram a existir. Autorizados a regressar em 1698, os jesuítas tinham uma escola primária com cerca de trinta rapazes até a ordem voltar a ser expulsa em 1719. Um liceu alemão abriu sob a direção do pastor luterano Ernst Glück com o apoio do Estado em 1705; com sete professores e setenta e sete alunos em 1711, ensinava Grego e Latim, Línguas Modernas (incluindo o Sueco), Geografia, Ética, Política, Retórica, Aritmética, Conduta e Equitação. Encerrou em 1715.

Mal sabia Pedro que a guerra aparentemente fácil com a Suécia iria transformar-se em duas décadas de campanhas incessantes a decorrer em enormes extensões de terra e água, entre diversas coligações de potências grandes e pequenas. A Grande Guerra do Norte (1700-1721), assim designada em retrospectiva, consumiu grande parte da sua vida. O seu papel enquanto czar-guerreiro ficou gravado na medula do império em processo de europeização e moldou praticamente todas as instituições e políticas ao longo do seu rumo tortuoso. As exigências da guerra prolongada, sobretudo durante os primeiros anos, contribuíram para o carácter peculiarmente frenético e economicamente esbanjador das primeiras reformas petrinas.

Se Pedro entrou despreocupadamente no conflito, ficou chocado com a rápida vitória de Carlos XII sobre Cristiano IV da Dinamarca e com o falhanço de Augusto II em tomar Riga. A vitória decisiva dos suecos sobre o cerco russo de Narva levou o czar a reconstituir e a rearmar o Exército quase da noite para o dia. Durante os oito anos seguintes, foram

mobilizados cerca de 138 000 recrutas; o termo *rekrut* começou a ser usado por volta de 1705, um dos cerca de três mil e quinhentos termos estrangeiros adotados na Rússia petrina. No final do reinado, trinta e uma mobilizações gerais e trinta e duas parciais recrutaram mais de trezentos mil homens para o Exército e para a Marinha.

As Forças Armadas tornaram-se no modelo para a sociedade europeizada que Pedro almejava de maneira tão pertinaz. Utilizando normas europeias e tradições moscovitas, acima de tudo a «automanutenção», construiu de forma intermitente uma força integrada sob condições uniformes, sujeita à disciplina segundo princípios hierárquicos, com os oficiais formados em escolas militares, tudo gerido por uma administração centralizada orientada por códigos escritos. A organização era constantemente remodelada, pois o Exército permanente e a frota dispendiosa revelavam maneiras gratuitas de se dissipar (ou de apodrecer no caso dos navios) por causa da deserção em massa, da falta de recrutas e das baixas com as doenças e os combates.

Apesar das baixas constantes devido a acidentes, mau fabrico, má manutenção e portos difíceis, a Marinha cresceu depressa, com trinta e quatro navios de linha, armados com um número que variava entre quarenta e seis e noventa e seis canhões, quinze fragatas, quatro barcas, dez *snows* e quase cem barcos mais pequenos e galés, com 2226 canhões e tripulações e tropa a totalizar vinte e oito mil homens em 1724. Os nomes dos navios refletiam vitórias e conquistas territoriais: *Standart* (estandarte ou ponto de encontro), *Kronshlot*, *Triumpf*, *Derpt*, *Narva*, *Fligel'-de-Fam* (Fama de Holandês Voador). O primeiro navio de linha lançado em 1710 chamava-se *Vyborg*, e Alexandre Mentchikov ofereceu a Pedro a fragata de construção holandesa *Sv. Samson* (São Sansão) em honra da vitória de Poltava. Pedro lançou pessoalmente o *Poltava*, de cinquenta e quatro canhões, em Sampetersburgo em 15 de junho de 1712, enquanto a vitória de Hangö, de 1714, foi celebrada em 1719 com o lançamento do enorme *Gangut*, de noventa e seis canhões.

Com mais de 174 000 homens em 1711 e totalizando quase 304 000 em 1725, as Forças Armadas consumiram noventa por cento do orçamento do Estado no primeiro ano e setenta e três por cento no segundo, um tempo de paz. O serviço era essencialmente vitalício para os oficiais e para os soldados alistados. O serviço militar consagrava o princípio do mérito

como explicado na Tabela de Graus, o sistema de catorze patentes (treze, na prática) aplicado aos três ramos do serviço do Estado – militar, civil e corte. As patentes militares gozavam de preferência sobre as civis, e todas as treze conferiam estatuto nobiliárquico, enquanto no serviço público isto só acontecia com as oito mais elevadas. No entanto, as querelas sobre a precedência e a obtenção de cargos não terminaram; o conceito de mérito envolvia noções ambíguas de tempo no grau, sucesso individual, educação e potencial. De forma previsível, a grande maioria dos oficiais tinha ascendência nobre, e os dois regimentos de guardas constituíam reservas especialmente privilegiadas. Uma exceção era o Regimento Ingermanlandski de Alexandre Mentchikov, uma unidade de estatuto semelhante aos dois regimentos de guardas com a mais alta proporção de oficiais não nobres (dezoito de cinquenta e seis). Mentchikov, velho amigo do czar e enérgico soldado-administrador-empresendedor, tinha origens dúbias e fabricou uma fantasiosa genealogia nobre. Incapaz de escrever mais do que o seu nome, foi promovido a uma patente aristocrata (Pedro concedeu-lhe o título honorífico de príncipe do Sacro Império Romano-Germânico) e acumulou uma fortuna imensa. Tendo já abolido o título de boiardo e consciente de que os títulos nobres russos eram desvalorizados pela prática da herança igual, Pedro introduziu dois títulos europeus – conde e barão –, mas conferia-os de forma pouco frequente e apenas por serviço meritório. O barão Petr Chafirov, por exemplo, obteve o seu título em 1710; o barão Andrei Osterman obteve o seu em 1721 por ter negociado a paz com a Suécia.

O serviço do Estado revelou-se oneroso para os nobres e as suas famílias, uma vez que Pedro se esforçava por assegurar que o serviço militar tivesse precedência sobre o civil e que os jovens nobres cumprissem as suas obrigações de serviço. Quando foi estabelecido em 1711, o Senado recebeu ordens para procurar e registar os rapazes nobres a partir dos dez anos de idade, para poderem ser enviados para a escola antes de começarem o serviço aos quinze anos. Os familiares deviam denunciar aqueles que estavam escondidos; em 1722, estes jovens eram considerados fora da lei como se fossem bandidos. No entanto, a aplicação destas prescrições nas províncias distantes era, quando muito, problemática; perto do fim do reinado de Pedro, Ivan Posochkov lamentava a facilidade com que os nobres provinciais fugiam do serviço e escondiam fugitivos.

Os esforços para apanhar os desertores oscilavam entre lisonjas e ameaças, nenhum deles com grande sucesso.

O campesinato fornecia o grosso de todos os recrutas, quer para as Forças Armadas, quer para as «manufaturas», estaleiros navais ou obras públicas. Fornecia também a maior parte das receitas fiscais. A fim de garantir o fluxo de receita para as Forças Armadas, o país foi dividido em grandes províncias, e cada uma destas tinha de suportar diferentes regimentos. A mobilização contínua atingiu o auge durante a invasão sueca de 1708-1709, altura em que o governo central estava largamente desintegrado. O país consistia em satrapias como a Íngria, presidida por Mentchikov em Sampetersburgo; as energias de Pedro estavam praticamente todas concentradas na luta contra a Suécia.

A guerra prolongada estimulou a jovem indústria da Moscóvia, sobretudo a produção de ferro e cobre, chegando a substituir a Suécia enquanto grande fornecedora. Em 1700, seis fundições de ferro produziram cerca de duas mil toneladas; por volta de 1710, dezassete fundições produziam mais de cinco mil toneladas por ano, com o total a duplicar em 1720. Por volta de 1725, vinte e quatro siderurgias, oito delas operadas pelo mercador de Tula Nikita Demidov nos Urais, produziam mais de catorze mil toneladas: metade das fábricas de Demidov era responsável por quase três quartos da produção dos Urais. As primeiras minas de prata começaram a produção em Nerchinsk, no sudeste da Sibéria. A maior parte do ferro ia para as Forças Armadas, bem como a produção das outras noventa manufaturas fundadas na Rússia petrina. Depois de 1715, porém, a barra de ferro e o pano de vela da Rússia tornaram-se exportações substanciais. Nikita Demidov adquiriu estatuto nobre e acumulou uma fortuna enorme. Dada a escassez das estatísticas petrinas, não é possível avaliar com rigor os custos ou os níveis de vida. Os preços agrícolas podem ter mais do que duplicado entre 1701 e 1730, enquanto o emprego industrial alcançou os 18 400 trabalhadores em 1725.

Expansão báltica e vitória em Poltava

Durante os primeiros anos da Guerra do Norte, Pedro e os seus generais conceberam gradualmente uma estratégia para reduzir o domínio sueco

no Báltico, enquanto Carlos XII perseguia Augusto II na Europa Central. Assim, os russos tomaram controlo do rio Neva na primavera de 1703, quando a Fortaleza de São Pedro e São Paulo foi fundada no delta do rio, centro de uma nova cidade fronteiriça e de uma base naval. Mais para ocidente, uma fortaleza naval chamada Kronshlot foi rapidamente erigida perto da ilha de Kotlin, onde o porto de Kronstadt seria pouco depois construído. Pedro e Mentchikov comandaram pessoalmente um ataque naval contra dois navios de guerra suecos na foz do Neva em inícios de maio, o que resultou na primeira vitória naval da Rússia, celebrada numa medalha com a inscrição: «O Nunca Acontecido Aconteceu.» O czar e o seu favorito foram feitos cavaleiros da Ordem de Santo André. Em 1704, Tartu e Narva caíram sob o domínio dos russos, enquanto forças a cavalo assolavam os territórios suecos da Estónia e da Livónia. Entre os prisioneiros capturados na Livónia, estava uma jovem atraente, Marta Skavronska, cujo nome seria brevemente russificado como Catarina (Ekaterina Alekséevna). Encantou Pedro sucessivamente enquanto amante e companheira, confidente e alma gémea, imperatriz e sucessora. Eficaz a acalmar as explosões de raiva de Pedro, tinha a mesma energia que este e deu-lhe muitos filhos.

Pedro necessitava certamente de conforto emocional durante estes anos de viagens constantes às frentes do Norte e do Oeste, de doenças periódicas e de guinadas esgotantes de guerra de coligação e de guerra civil. O seu próprio papel no governo cresceu tão depressa, que um *Kabinet* (chancelaria) pessoal foi fundado por volta de 1704, chefiado por Aleksei Makarov, cujo estatuto de escriturário depressa evoluiu para o de secretário de gabinete. Enquanto os russos obtinham vitórias pontuais no Noroeste, os Streltsi exilados tomaram subitamente Astracã em agosto de 1705 e ameaçaram inflamar outras cidades do Volga e os cossacos do Don. Os rebeldes manifestavam-se contra as barbas rapadas e o uso de roupas europeias, adotaram a Velha Crença e massacraram mais de trezentas pessoas, bem como o chefe local. Depois de o marechal de campo Boris Cheremetev ter recapturado Astracã em março de 1706, o Gabinete Preobrajenski investigou mais de quinhentos indivíduos (incluindo quatrocentos e um Streltsi), executou trezentos e catorze deles e banuiu os restantes para trabalhos forçados. Mas a tranquilidade só durou um ano: uma revolta similar liderada pelo cossaco do Don Kondrati Bulavine

agitou o Baixo Don em 1707-1708 – na mesma altura em que Carlos XII invadiu a Rússia ocidental e a Ucrânia, onde recebeu o reforço do hétman Ivan Mazepa com uma força de cossacos ucranianos. Entretanto, a Saxónia abandonara a guerra, com Augusto II a ceder o trono polaco a Estanislau Leszcziński, apoiado pelos suecos. A Rússia enfrentava agora sozinha a Suécia.

Em dezembro de 1706, prevendo um conflito prolongado, Pedro e os seus comandantes decidiram adotar a tática da «terra queimada» para reduzir a força e a mobilidade dos suecos, ao mesmo tempo que exploravam um acordo negociado. Pedro adoeceu várias vezes no meio da tensão constante. Em julho de 1707, uma «febre severa» deitou-o abaixo em Varsóvia, «a metro e meio da morte» em delírio; outra febre e as medicações mercuriais confinaram-no à cama em Sampetersburgo em maio de 1708, dissuadindo-o de correr para Azov contra Bulavine. Em Azov, em abril e maio de 1709, pouco antes do confronto apogístico em Poltava, o czar voltou a tomar «medicamentos fortes», mas, depois de lhe terem passado os calafrios e a febre em agosto, continuou a sentir-se deprimido e fraco. Um mês depois, gabou-se a Catarina de ter andado nos copos com os seus aliados polacos.

O gélido inverno de 1708-1709, a par das doenças epidémicas, do vestuário inadequado e da escassez de rações, conspiraram para desviar os suecos de Moscovo – onde se haviam feito terraplenagens em redor do Kremlin –, que tiveram de esperar por provisões e juntar-se a Mazepa na Ucrânia. Este desvio permitiu que a coluna rápida de Pedro interceptasse os reforços suecos em Lesnaia em 28 de setembro de 1708: a batalha, que durou um dia inteiro, terminou numa derrota arrasadora para os suecos. No fim do ano, milhares de suecos tinham morrido por causa da exposição aos elementos naturais.

O confronto geral que Pedro adiou por tanto tempo e que Carlos XII tanto procurava ocorreu em Poltava em 27 de junho de 1709. Nessa altura, o exército sueco não estava à altura do adversário, com metade dos homens e um défice de canhões de setenta para quatro. A situação aflitiva foi simbolizada pelo próprio rei, que levou um tiro no pé dez dias antes (no seu vigésimo sétimo aniversário) e teve de ser levado para o campo numa maca. Quase não escapou à captura após a derrota do seu exército. Embora Cheremetev fosse o comandante em chefe, Pedro

fez-se ao campo, com o seu chapéu e sela a ser atingidos por disparos. No prazo de duas horas, as forças suecas desmoronaram-se ante a sarai-vada de tiros de canhão, os mosqueteiros e a cavalaria arrasadora de Mentchikov. A debandada deixou cerca de nove mil suecos mortos no campo; outros dezasseis mil renderam-se três dias depois na zona vizinha de Perevolotchna. Poltava representou uma «pedra firme» na fundação de Sampetersburgo, como o czar depois declarou. Pinturas e outras obras de arte depressa produziram retratos de Pedro em Poltava, que se tornou num tema dileto.

O triunfo foi consolidado em dezoito meses. A aliança do Norte foi reconstituída com a adesão da Prússia e a saída de Leszcziński do trono da Polónia. Ofereceram a paz à Suécia em condições generosas, mas, quando o ausente Carlos XII recusou negociar, as forças russas conquistaram a região do Báltico em 1710, de Vyborg, no Norte, a Reval e Riga, no Oeste e no Sul (apesar de uma grande epidemia de peste que devastou o território sueco, mas poupou grande parte do território russo). A incorporação destes territórios não eslavos conduziu diretamente à proclamação da Rússia enquanto um império de tipo europeu. De facto, Pedro começou a usar a designação *imperator vserossiski* («imperador de todas as Rússias») a partir de 31 de maio de 1712 numa carta ao seu cônsul em Génova, enquanto Cheremetev o designava «Vossa Alteza Imperial» numa petição em 1 de agosto de 1711, tal como fizeram os mercadores de Riga numa petição de 4 de setembro de 1712. Ao informar Mentchikov da sua eleição como membro honorário da Royal Society em outubro de 1714, Isaac Newton chamou a Pedro «seu Imperador, Sua Majestade Cesariana».

O alargamento dos horizontes políticos de Pedro também o levou a organizar o casamento de vários dos seus familiares com governantes estrangeiros. A sua sobrinha Ana Ivanovna desposou o duque da Curlândia em finais de 1710, e a sua sobrinha Ekaterina Ivanovna casou-se com o duque de Mecklemburgo-Schwerin em abril de 1716, com a presença de Pedro, Catarina e Augusto II. Nenhum destes casamentos teve sucesso em termos pessoais; Ana enviuvou quase imediatamente e Ekaterina regressou à Rússia com a sua filha pequena em 1722. O casamento do *czarevitch* Aleixo com Carlota de Volfembutel, em outubro de 1711, revelou-se igualmente penoso para os esposos, embora tenha produzido

uma neta e um neto, o futuro Pedro II. Todas estas ligações acentuaram o aumento da magnitude internacional da Rússia e a sua entrada resoluta no mercado europeu de casamentos dinásticos.

Revolução Cultural e reformas de europeização

Após 1711, Pedro pôde dar mais atenção a uma série de questões. Levou a cabo várias iniciativas que equivaleram a uma «Revolução Cultural» e acelerou o processo de europeização ao introduzir os frutos do Renascimento, da Reforma, da Era das Descobertas e da Revolução Científica. Os elementos renascentistas são visíveis na nova ênfase na educação, na aprendizagem pelos livros e na edição. O número de tipografias, por exemplo, aumentou de três para dez em 1725, todas sob controlo do Estado. Pedro aprovou uma ortografia civil simplificada em 1707, mas as prensas e os tipos de letra eram tão escassos, que um terço dos títulos seculares antes de 1725 foi publicado na ortografia antiga. O número anual de títulos aumentou de seis ou sete nas últimas décadas do século XVII para quarenta e cinco por ano no primeiro quarto do século XVIII. Os conteúdos do material impresso também mudaram, com declarações do governo, leis e escritos militares a constituir quase dois terços de todas as publicações no período 1700-1725. Muitos livros eram traduções de publicações estrangeiras; pouco menos de um quarto tratava de assuntos religiosos, o elemento tradicional da Moscúvia. No entanto, os escritos religiosos eram reimpressos com tanta frequência, que constituíam cerca de quarenta por cento de todos os livros publicados na era petrina.

O primeiro periódico da Rússia, o *Vedomosti*, começou a ser publicado em finais de 1702 e oferecia uma seleção oficial de «notícias», celebrando mais a autoridade governamental e as vitórias militares do que fornecendo informação geral ou reportagens comerciais. O número de edições por ano variava bastante, caindo de catorze ao ano em 1708-1712 para sete em 1713-1717 e apenas uma em 1718. As tiragens também oscilavam fortemente – de um auge de 875 em 1709 (o ano de Poltava) para apenas 205 em 1712. O número de leitores era obviamente pequeno, talvez até declinante, e minúsculo comparado com Inglaterra ou a Holanda.

Pedro reuniu pessoalmente uma biblioteca de 1663 títulos de livros manuscritos e impressos em russo e línguas estrangeiras. Adquiriu também as coleções privadas do doutor Robert Erskine e de outros, que estabeleceram as bases da Biblioteca da Academia de Ciências, contendo, em 1725, cerca de onze mil volumes. Auxiliado por Erskine, Jacob Bruce e outros acadêmicos, Pedro fundou o primeiro museu público, o *Kunstkamera* em Sampetersburgo, e colecionou pinturas europeias, sobretudo das escolas holandesa e flamenga. De facto, a sua galeria de pintura em Monplaisir, em Peterhof, foi a primeira do seu tipo na Rússia, com cerca de duzentos quadros em 1725. Para encorajar as visitas, o *Kunstkamera* não cobrava entrada e tinha um orçamento de quatrocentos rublos para bebidas gratuitas (café, vinho, vodka, *et cetera*). As ideias renascentistas também estimularam o interesse petrino na história secular, bem como a ideia de a Rússia «entrar numa nova era». O próprio Pedro indicou o caminho, com a preocupação de documentar as questões militares e as viagens, um interesse que acabou por levar à compilação de uma história oficial da Guerra Sueca, não concluída antes da sua morte e só publicada em 1770-1772.

Noutra manifestação de espírito renascentista, Pedro encorajou a emancipação das mulheres do escol, sobretudo as suas próprias familiares, e a sua participação em receções públicas chamadas de «assembleias». Autorizou o primeiro teatro público secular na Praça Vermelha em 1701. Inaugurada em 1702 com cenários elaborados e maquinaria de palco, esta «câmara de comédia» apresentava peças em alemão representadas por uma companhia alemã de Danzigue. Por falta de peças russas, de uma linguagem literária adequada e de audiência, o teatro encerrou em 1706. Os seus cenários, guarda-roupa e roteiros foram entregues à irmã de Pedro, Natália, que estabeleceu um teatro de corte em Preobrajenskoi em 1707, transferido pouco depois para Sampetersburgo e que terá durado até à sua morte em 1716. Este teatro foi pioneiro na apresentação de peças europeias de cavalaria e romance. Entretanto, em Kiev, Feofan Prokopovitch, de origem ucraniana e parcialmente educado em Roma, compôs a tragicomédia *Vladimir* enquanto lecionava na Academia Mohyla. Um drama histórico centrado na conversão da Rússia ao cristianismo e com muitas conotações políticas e culturais, *Vladimir* era dedicada a Mazepa, que assistiu à primeira representação. Esta dedicatória teve de

ser excluída após a deserção de Mazepa em 1708. Outras peças foram representadas na escola cirúrgica do doutor Bidloo em Moscovo, incluindo duas de Fiódor Jurovski, *Slava Rossiiskaia* (Glória da Rússia) e *Slava Pechal'naia* (Glória Enlutada), que comemoravam respetivamente a coroação de Catarina I em 1724 e a morte de Pedro em 1725.

A Reforma influenciou os esforços petrinos para transformar a Igreja Ortodoxa. Em 1694, Pedro descontinuou a prática do domingo de Ramos, em que o czar, a pé, acompanhava o patriarca, a cavalo, pela Praça Vermelha de Moscovo. Em 1698, criticou os monges e o monaquismo; em 1700, repreendeu o patriarca Adriano por a Igreja não educar os jovens; e em 1701, restabeleceu o Gabinete dos Mosteiros para administrar as terras do clero. Mais impressionante foi a sua decisão radical de substituir o patriarcado por um conselho de hierarcas, o Santo Sínodo. Favorecia pessoalmente a leitura da Bíblia; a sua biblioteca continha vários exemplares do Novo Testamento, mas apenas um do Antigo. Embora Pedro acreditasse na justificação apenas pela fé, desprezava a superstição e desencorajava a veneração de ícones.

O gosto de Pedro pelas viagens celebrava a Era das Descobertas, bem como o seu interesse nos assuntos navais e marítimos. A Campanha Persa de 1722-1723 ilustrou um desejo de expansão oriental, também revelado numa missão secreta abortada a Madagáscar em 1723-1724. Os temas da exploração e da expansão acompanharam Pedro até ao fim da sua vida, quando encomendou a primeira Expedição a Bering com o objetivo de investigar o nordeste da Ásia e a América do Norte para uma possível colonização.

A Revolução Científica encantou Pedro ainda antes da sua primeira viagem ao estrangeiro, e o facto de ter conhecido desde cedo académicos estrangeiros e nativos reforçou o seu interesse nas ciências, artes e tecnologias. Durante mais de vinte anos, Pedro trocou correspondência com G. W. von Leibniz, que o czar pôs na sua lista de pagamentos em 1711, e, em 1724, fundou a Academia Imperial de Ciências e Artes em Sampetersburgo como o centro da investigação organizada pelo Estado no novo Império Russo. Esta instituição polivalente combinava investigação, ensino e funções museológicas; utilizava uma definição lata de «ciências» que abrangia o conhecimento secular, incluindo artes e ofícios, história e literatura.

Sampetersburgo como a nova capital e repetição da confusão dinástica

Como era próprio de um novo soberano europeu, Pedro passava muito tempo fora das velhas fronteiras da Moscóvia: um total de quase dezanove meses nos anos 1711-1713, que abrangeram a desastrosa campanha do Prut, duas visitas prolongadas a Carlsbad para curas de água e para assistir ao casamento de Aleixo, e encontros com Leibniz em Torgau, Teplitz e Carlsbad em 1711. Com a transferência da corte e do governo em 1713, o «Paraíso» do czar em Sampetersburgo tornou-se na nova capital.

Tal qual um microcosmos, a cidade exibia muitos ideais petrinos. Era europeia em conceito, nome e estilo – o estilo sinónimo do novo termo popular *arkhitektura*. O seu nome e plano, a fortaleza e a catedral de São Pedro e São Paulo, o escudo da cidade, tudo apontava para paralelos com a Roma imperial. Planeada para a eficiência comercial e económica (Pedro chegou a pensar centrar a cidade na ilha de Kotlin, no golfo da Finlândia!), para a segurança em relação a incêndios (mas não a inundações) e de esplendor impressionante, a «Residenz-Stadt» cresceu depressa graças ao trabalho e à reinstalação forçados, em combinação com um patrocínio vigoroso do Estado e um comércio externo florescente com a utilização de embarcações estrangeiras. Com a chegada da corte e de muitos departamentos estatais, com a presença do Estado no estabelecimento do enorme Almirantado, nos arsenais na vizinha Sestroretsk, nos regimentos do Exército e da guarda, houve uma explosão da construção local. Após a formação do sistema colegial da administração central em 1715, o principal arquiteto da cidade, Domenico Trezzini, começou, em 1722, a construir um enorme complexo unitário para os onze colégios administrativos na ilha Vassilievski, um grandioso projeto só concluído dez anos depois. Em 1725, Sampetersburgo tinha uma população de cerca de cinquenta mil pessoas (com grandes flutuações sazonais, uma vez que os trabalhadores camponeses se reuniam durante a estação de embarque da primavera ao outono) e exibia vários palácios impressionantes (especialmente o de Mentchikov), bem como propriedades ainda mais opulentas nos arredores. O Jardim de Verão exibia uma estatuária abundante e o pequeno Palácio de Verão de Pedro, mas a sua tentativa

de criar um jardim zoológico completo com elefantes e ursos polares fracassou quando os animais morreram.

Moscovo continuou a ser a velha capital e a maior cidade, mas, depois de 1710, Pedro começou a visitá-la cada vez menos. O czar passou grande parte do período 1713-1714 a bordo de navios, a coordenar a conquista por terra e mar da Finlândia, cujo ponto alto foi a vitória naval de Hangö – uma Poltava náutica – em 27 de julho de 1714. As viagens e campanhas europeias culminaram numa segunda digressão triunfal, desta vez acompanhado por Catarina, exceto em França, durante vinte meses em 1716-1717. Em Copenhaga, em outubro de 1716, Pedro foi nomeado almirante honorário das frotas combinadas da Dinamarca, Holanda, Inglaterra e Rússia – um reconhecimento aprazível do novo poder marítimo da Rússia. Contudo, o czar envelhecido sentia-se muitas vezes mentalmente perturbado, como é sugerido por uma dúzia de sonhos noturnos que registou em 1714-1716. Gravemente doente na Holanda durante um mês em inícios de 1717, foi para as termas de Pyrmont e de Spa. O casal chorou a morte do bebé falecido quatro horas após o parto em Wesel, na Holanda, em 2 de janeiro de 1717.

A confusão dinástica ocorreu ainda antes, com a morte da mulher de Aleixo em outubro de 1715, pouco depois de ter tido um filho (e primeiro neto de Pedro), Petr Alekséievitch (futuro Pedro II), a que se seguiu pouco depois o nascimento de um filho de Catarina, Pedro Petrovitch. Pedro e Catarina haviam-se casado em privado em Moscovo, em março de 1711, uma cerimónia repetida publicamente em Sampetersburgo em 19 de fevereiro de 1712; gracejando, o czar disse que «era um casamento frutuoso, pois já haviam tido cinco filhos». Este casamento tardio com uma plebeia estrangeira impressionou o enviado inglês, que o considerou «um dos acontecimentos surpreendentes desta época maravilhosa». Catarina depressa se tornou no centro da atenção de uma corte de estilo europeu, largamente germânica em termos culturais. Em Moscovo em fevereiro de 1722, e em Sampetersburgo no ano seguinte, Catarina e as suas damas vestiram roupas de amazonas para celebrar o Entrudo.

O relacionamento de Pedro com Aleixo, nunca próximo, tornou-se tenso quando a deterioração da sua saúde levantou a questão da sucessão. Aleixo comprometera-se a renunciar ao trono e a entrar num mosteiro, mas não fez nem uma coisa nem a outra e, de supetão, fugiu

clandestinamente para o estrangeiro – um forte embaraço para o pai. Convencido a regressar pelo astuto diplomata Petr Tolstói, Aleixo foi alvo de uma investigação secreta intensa, que acabou por envolver dezenas de pessoas, incluindo Aleksandr Kikine (um antigo confidente do czar, desacreditado por deslealdade financeira), a sua mãe e o arcipreste Iakov Ignatev (o padre confessor do filho do czar). Kikine foi acusado de inspirar a fuga de Aleixo para o estrangeiro, e os outros, de promover o ódio ao seu pai. Todos foram torturados; Kikine, o arcipreste, e outros – incluindo o amante conhecido de Elena – foram executados. Após interrogatório e tortura prolongados, o próprio Aleixo foi condenado à morte por traição em junho de 1718, falecendo na prisão em circunstâncias dúbias. Embora a investigação tenha revelado contactos próximos entre o *czarevitch* e muitos nobres preeminentes, a versão oficial afirmou que a conspiração traidora de Aleixo fora da responsabilidade dos «barbas compridas», ou seja, alegadamente, do clero reacionário. De facto, muitos potenciais simpatizantes não queriam voltar à velha Moscóvia, mas não gostavam do despotismo caprichoso de Pedro em nome da mudança radical.

A morte de Aleixo complicou a sucessão: Pedro Petrovitch – filho do czar com Catarina, já com mais de um metro de altura – faleceu em 25 de abril de 1719, desferindo outro golpe dinástico. «O czar levou a perda do seu único filho tão a peito, que bateu com a cabeça na parede do quarto e sofreu dois episódios convulsivos», observou o enviado inglês, que especulou que Catarina ultrapassara a idade procriadora. Catarina tivera outra filha, Natália, nascida em 1718, que morreu um mês após o pai, em março de 1725, e possivelmente outros dois bebés, nados-mortos. O caso Aleixo, reminescente do assassinio do filho de Ivan, *o Terrível*, poderá ter exacerbado a tendência de Pedro para a paranoia e para a alienação em relação a antigos íntimos como Mentchikov e, depois, a própria Catarina. Coincidiu também com a formação de um regime policial hipercentralizado e militarizado concebido para uma ação resoluta, ditada por um autocrata idoso com pouca disposição para ouvir conselhos.

No plano externo, o governo petrino acumulava triunfos com o Tratado de Nystad, que terminou com a Grande Guerra do Norte em 1721, e Pedro foi proclamado imperador de todas as Rússias e «o Grande e Sábio Pai da Pátria». A Prússia e a Holanda reconheceram o novo título no ano seguinte, a Suécia e a Dinamarca, em 1723 e 1724, mas a Áustria

esperou até finais dos anos 40 do século XVIII e a Polónia só o fez em 1764. Pedro comandou a triunfal Campanha Persa em 1722, que acrescentou novos territórios ao longo do mar Cáspio, imitando Alexandre, *o Grande*. Uma nova lei da sucessão, anunciada em 1722, dava ao soberano o direito de nomear qualquer pessoa que escolhesse para lhe suceder, e Catarina I foi proclamada imperatriz e coroada, em Moscovo, em maio de 1724.

A morte de Pedro, em 28 de janeiro de 1725, ocorreu de forma tão repentina, que não teve a oportunidade de nomear um herdeiro. Há muito que a sua saúde estava em dúvida, apesar das visitas às termas em Olonets. Por exemplo, viajou para aqui em janeiro de 1719 contraindo uma «forte constipação no caminho». Sofria também de uma «fraqueza no braço esquerdo, causada por ter sido sangrado por um cirurgião incompetente, que, ao falhar a veia, fez uma incisão no nervo que estava ao lado». Estas dores levaram Pedro a recorrer duas vezes às termas, em fevereiro e em junho de 1724. A Catarina, elogiava as qualidades curativas das águas, mas queixava-se da dificuldade de urinar e da falta de apetite. Mais tarde nesse verão, em Sampetersburgo, esteve de cama duas vezes quase durante duas semanas, entre 16 de agosto e 12 de setembro de 1724. Era uma daquelas pessoas teimosas que, apesar dos conselhos dos médicos, não eram capazes de abrandar.

A causa da sua morte levantou forte controvérsia na altura e agora, nomeadamente se estaria relacionada com alguma doença venérea. Os estudiosos russos recentes dividem-se entre gonorreia e uremia. Tendo em conta a extensão e o ritmo incrível da sua vida, a causa da morte pode ser menos importante do que os feitos sobre-humanos do «corpo» e «espírito» envolvidos. Após os tradicionais quarenta dias de luto, o corpo de Pedro foi sepultado num caixão magnífico numa pequena igreja de madeira temporária, no meio da Catedral de Pedro e Paulo ainda incompleta – o primeiro soberano russo a ser sepultado fora de Moscovo. Feofan Prokopovitch pronunciou um breve e eloquente discurso funerário, largamente distribuído e traduzido, que comparava o falecido czar aos profetas e reis bíblicos – Sansão, Jafé, Moisés, David, Salomão e Constantino.

A Rússia sem Pedro

Catarina sucedeu a Pedro no dia seguinte à sua morte graças a um sangrento golpe palaciano orquestrado por Mentchikov e apoiado pelo músculo militar dos guardas. O golpe impediu as pretensões do neto de Pedro, Petr Alekséievitch, mas Catarina aceitava o direito tradicional de sucessão masculina personificado no rapaz de nove anos. Pelo visto, Mentchikov e outras grandes figuras petrinas dissuadiram Catarina de se tornar regente de Pedro, com o pretexto de que isso iria fomentar a divisão e a discórdia. Pouco antes de morrer, Pedro I aprovara o casamento da sua filha mais velha, Ana Petrovna, com Carlos Frederico, duque de Holstein-Gottorp; um artigo secreto do contrato previa que o soberano russo pudesse nomear um filho de Ana como sucessor ao trono russo. Tendo em conta o distanciamento do grande czar em relação a Catarina durante os últimos três meses da sua vida (por causa de um escândalo que envolveu William Mons), a sua sucessão foi surpreendente e irónica. Curiosamente, Catarina I inaugurou uma governação feminina praticamente contínua na Rússia durante quase setenta anos. Muito paradoxais foram também os esforços exercidos sobre o seu reinado, de cerca de vinte e seis meses, para dissolver algumas das políticas petrinas.

Era inevitável alguma reacção contra o imperioso legado petrino. Três décadas de mobilização constante haviam engendrado uma crise generalizada em grande parte do império expandido, problemas depois agravados pelas perdas de colheitas, fugas maciças de camponeses e a quase bancarrota. Assim, as primeiras medidas de Catarina foram a redução do imposto de capitação (de setenta e quatro para setenta copeques) e a retirada do Exército das províncias. O seu governo também se esforçou por economizar o funcionamento da gorda administração petrina, abolindo muitos gabinetes e libertando-se dos salários de funcionários públicos de baixo nível em proveito da restauração da prática antiga de cobrar os pedidos de serviços oficiais. Havia também grande disputa sobre, particularmente, as despesas militares inflacionadas.

Embora imperatriz e autocrata de nome, Catarina I estava tão cansada e adoentada, que o seu reinado seria curto. Seguiu-se uma nova era de «governo de círculo», semelhante ao que prevalecera durante quase um quarto de século após a morte de Aleixo em 1676. Esta oligarquia

assumiu forma institucional em 8 de fevereiro de 1726, com um novo organismo governamental, o Conselho Privado Supremo, um conselho de seis homens com o poder de aconselhar a imperatriz e dirigido pelo magistral Mentchikov. Mas este estava tão envelhecido e incerto do seu futuro, que tentou em vão tornar-se duque da Curlândia. Perto da morte de Catarina na primavera de 1727, Mentchikov tentou salvaguardar o seu futuro purgando dois rivais, o conde Petr Tolstói e o seu cunhado, o general da polícia Anton Devier, que foram sentenciados à morte por conspiração e traição antes de serem banidos para regiões remotas. Mesmo antes da morte de Catarina em 7 de maio de 1727, Mentchikov supervisionou a compilação do «Testamento» da imperatriz, que nomeava Petr Alekséievitch «sukt-sessor» sob a regência conjunta de nove pessoas. Com um menor no trono, o domínio de Mentchikov parecia assegurado. Procurou conciliar-se com o jovem Pedro libertando a sua mãe, a freira Elena, e organizou o noivado da sua filha Maria com o futuro czar em 25 de maio de 1727. Quase um mês depois, o duque Carlos Frederico de Holstein e a sua mulher, Ana, mudaram-se para Kiel, ficando assim mais dois rivais políticos fora de cena. Ainda assim, uma doença prolongada de Mentchikov, no verão de 1727, permitiu que os seus rivais, liderados por Ivan Dolgoruki e o hábil Andrei Osterman, pressionassem o Conselho Privado Supremo contra a «tirania» de Mentchikov; assim, o «déspota semissoberano» foi posto sob prisão domiciliária em 8 de setembro de 1727. Despojado das suas honras, joias e muitas propriedades, Mentchikov foi exilado com a sua família para Berezov, na Sibéria, onde morreu em 1729.

O reinado de Pedro II revelou-se tão curto e vazio quanto o de Catarina I. Praticamente não «reinou», pois o verdadeiro poder estava no Conselho Privado Supremo, até que morreu subitamente de varíola como um menor solteiro em 18/19 de janeiro de 1730. A tranquilidade geral doméstica foi reforçada com a abolição do Gabinete Preobrajenski em 1729. Pedro II mudou a corte e vários gabinetes para Moscovo, onde passou os últimos dois anos de vida, sobretudo a caçar, num protesto silencioso contra os rigores da vida em Sampetersburgo.

Pedro II morreu sem filhos e sem ter nomeado um sucessor, precipitando assim uma nova crise política. O Conselho Privado Supremo, agora expandido para oito oficiais aristocratas — quatro Dolgorukis e dois

Golitsines –, tentou resolver o dilema dinástico oferecendo secretamente o trono, sob condições restritas, a Ana Ivanovna, a viúva duquesa da Curlândia e sobrinha sem filhos de Pedro, *o Grande*. Esta ação inaugurou inadvertidamente um mês de intensas manobras políticas. Liderados pelo muito experiente príncipe Dmitri Golitsine, os conselheiros privados procuraram estabelecer uma constituição oligárquica que limitaria o poder arbitrário monocrático (autocracia), tornando o conselho permanente e apoiando a soberania de Ana sem restrições. A falta de publicidade das «Condições» (*Konditsi*) – um novo termo no discurso político russo – do conselho e das suas outras propostas de reforma deu azo a rumores sobre um controlo aristocrático do poder supremo, inflamando a oposição imediata e plataformas alternativas apoiadas por centenas de aristocratas e, em certos casos, pequenos nobres. Quando as «Condições» foram finalmente anunciadas numa reunião de cerca de oitenta dignitários, em 2 de fevereiro de 1730, outros projetos já haviam sido propostos, um, assinado por 361 pessoas, e Ana já regressara a Moscovo e tornara-se no foco de uma coligação informal desconfiada dos oligarcas e do esforço para reduzir a autoridade da autocrata. Osterman e Feofan Prokopovitch contactaram com aliados nos guardas e até lançaram ataques ao Conselho Privado Supremo com o espectro da desunião e do caos. Em poucas semanas, os grupos concorrentes neutralizaram-se uns aos outros e, assim, Ana rasgou as «Condições» e proclamou-se «Imperatriz e Guardiã de Toda a Rússia». Aboliu o Conselho Privado Supremo e, de forma gradual, mandou todos os Dolgorukis para o exílio. Dmitri Golitsine ficou livre, apesar de silencioso, até ser preso em 1737, um ano antes da sua morte. Aceitou a responsabilidade pelo fiasco institucional, observando: «O festim estava pronto, mas os convidados não eram dignos.»

A partir deste arranque tumultuoso, o reinado de Ana exibiu elementos familiares de «governo de círculo», com uma mistura confusa de restauração conservadora, continuidade das políticas petrinas e reformas ocasionais. O seu reinado enfrentou uma imprensa geralmente má, sobretudo petrina em perspectiva, mas também animada pela antipatia em relação aos alemães e ao governo de uma mulher. Foi muitas vezes vista como uma marioneta controlada pelo seu favorito «alemão», Ernst Johann Biron, e o seu reinado foi depois ridiculizado como a célebre época da «Bironovtchina» (o regime repressivo de Biron). Estas acusações cruéis

foram recentemente atenuadas em proveito de uma atenção renovada a continuidades importantes no papel da soberana na política externa e na expansão territorial, no desenvolvimento económico e na mudança institucional. Fosse qual fosse a relação íntima de Ana com Biron, que foi feito conde e camareiro-mor em 1730 e de quem ela poderá ter tido um filho, o favorito não tinha um estatuto independente significativo até ser eleito duque da Curlândia, em 1737, e nomeado regente após a morte de Ana. A sua frágil regência quase não durou três semanas, até ser derrubado pelo marechal de campo Burkhard von Münnich. O alegado papel de Biron nos bastidores e a sua tentativa de casar um filho com a sobrinha da imperatriz provocaram acusações de ambições dinásticas, tal qual um novo Godunov ou Mentchikov, enquanto o seu amor pelos cavalos, pelas cartas e pelas companhias de teatro fomentaram acusações de falar com as pessoas como se fossem cavalos e com os cavalos como se fossem pessoas. De facto, a sua influência sobre as grandes decisões políticas parece ter sido mínima, e a Chancelaria dos Assuntos de Investigação Secretos, como foi designada a polícia secreta em 1730, tratou apenas de 2000 casos, comparados com os 2478 durante a primeira década de governo de Isabel e aproximadamente o mesmo número durante a segunda década. Os estrangeiros não gozavam de grande preferência durante a alegada hegemonia de Biron, que pouco teve que ver com a perseguição dos Velhos Crentes, dos quais vinte mil terão sido exilados durante o reinado de Ana (uma estatística claramente inflacionada). Além disso, o regime de Ana era dominado por aristocratas russos: o chanceler Gavril Golovkine, o vice-chanceler Andrei Osterman, o príncipe Aleksei Cherkasski e, depois, Pavel Iagujinski e o seu sucessor Artemi Volinski. A responsabilidade pela execução de Volinski em 27 de junho de 1740, acusado de conspiração traidora, foi muitas vezes atribuída a Biron, embora o tribunal que o condenou fosse formado apenas por nobres russos.

Tal como as suas predecessoras, Ana, viúva e (oficialmente) sem filhos, enfrentou problemas de sucessão durante o seu reinado. Estava atenta ao órfão Karl Peter Ulrich em Holstein, o único neto sobrevivente de Pedro, *o Grande*, e à vivaz Isabel e à sua pequena «Corte Jovem». A fim de reforçar a linha dinástica dos seus parentes Miloslavski, adotou a sua sobrinha germânico-russa, filha do duque e da duquesa de Mecklemburgo e russificada como Ana Leopoldovna, após a morte da mãe desta em

1733. Esta princesa foi convertida à ortodoxia russa, recebeu uma educação de estilo europeu e, com relutância, casou-se com o duque Anton Ulrich de Brunsvique-Volfembutel-Bevern em julho de 1739. Depressa tiveram um filho, Ivan Antonovitch, o futuro Ivan VI, nascido em 12 de agosto de 1740, apenas dois meses antes da morte súbita da imperatriz em 17 de outubro. Regente do filho após o derrube de Biron, Ana Leopoldovna revelou pouco interesse pela governação e foi facilmente deposta pela linha dinástica concorrente personificada por Isabel no reinício da velha rivalidade Miloslavski-Narichkin.

O governo de Ana Ivanovna adotou várias mudanças políticas anunciadas durante a crise constitucional da sua ascensão. Por exemplo, a impopular lei petrina sobre a herança exclusiva foi revogada, e o Corpo de Cadetes Nobres foi fundado em Sampetersburgo, com os seus graduados a entrar no serviço militar enquanto oficiais. O salário dos oficiais foi igualado ao dos estrangeiros, e o requisito de serviço vitalício foi reduzido para vinte e cinco anos, com um filho totalmente isento. A corte regressou a Sampetersburgo em janeiro de 1733 no meio de uma grande cerimónia. As ligações ao Interior foram melhoradas com a conclusão do canal Ládoga, uma obra supervisionada pelo engenheiro militar alemão Burkhard von Münnich, que foi ricamente recompensado por Ana e promovido a marechal de campo. Adquiriu grande reputação militar ao conduzir os exércitos russos à vitória na Guerra da Sucessão Polaca, em 1733-1735, e na relacionada guerra russo-turca de 1736-1739. Os dois conflitos envolveram coligações aliadas e obtiveram algum sucesso, especialmente as várias invasões da Crimeia comandadas por Münnich, apesar das baixas russas substanciais, em parte devido a um surto de peste. A Rússia derrotou os turcos e os tártaros da Crimeia, mas a retirada súbita da Áustria limitou os ganhos territoriais à chamada Nova Sérvia e a Azov, que não pôde ser fortificada. Este foi o primeiro triunfo russo sobre os turcos desde a segunda campanha de Azov de Pedro, *o Grande*, e a primeira invasão bem-sucedida da Crimeia. Outra grande conquista territorial decorreu da expedição a Oremburgo, um empreendimento patrocinado pelo Estado, liderado por Vassili Tatitchev e outros, que estendeu a fronteira russa até aos Urais meridionais, abrindo terras abundantes para a agricultura e exploração mineira. As grandes revoltas basquírias que receberam esta invasão russa duraram de 1735 a 1740 e

resultaram no extermínio ou na reinstalação de quase um terço da população basquíria. Este novo e rico território acelerou o desenvolvimento económico iniciado na época petrina e compensou a perda de terras do Cáspio devolvidas à Pérsia em 1735.

Continuidades económicas e culturais

De facto, a produção de ferro e cobre multiplicou-se nas décadas pós-petrinas, com vinte fábricas de ferro a ser construídas nos Urais de 1726 a 1733, e treze fábricas de cobre de 1726 a 1737. As exportações russas de ferro para Inglaterra representavam uma forte concorrência para a Suécia e eram apenas uma das muitas mercadorias reguladas pelo novo Tratado Comercial Anglo-Russo de 1734. Sampetersburgo tornou-se num grande porto marítimo, especialmente para exportações, mas Arcangel recuperou dinamismo com a tarifa mais justa de 1731. Grande parte da produção russa de ferro e cobre ia para as Forças Armadas, para a cunhagem ou para a exportação. A frota foi reanimada quando o *Anna*, um enorme navio de linha com cento e quarenta canhões, foi lançado pelo construtor naval inglês Richard Brown, em junho de 1737, acontecimento que foi acompanhado de um baile e de um festim.

A Rússia pós-petrina também manifestou muitas continuidades em termos culturais. A Academia Imperial de Ciências e Artes, planeada por Pedro e aprovada pelo Senado, foi oficialmente aberta em dezembro de 1725 sob a direção do doutor Laurentius Blumentrost, nascido em Moscovo e educado na Europa. Em 27 de dezembro de 1725, Georg Bülfinger, professor de Física na academia, pronunciou um discurso em latim (111 páginas!) sobre o valor destas instituições e destes estudos, especialmente sobre os métodos de determinar longitudes. Uma cópia do discurso foi enviada para a Biblioteca da Universidade de Cambridge. O genro de Catarina I, o duque Carlos Frederico de Holstein, assistiu à sessão. Outro discurso foi pronunciado em 1 de agosto de 1726 por Jakob Hermann sobre a história da geometria e a perfeição dos telescópios, com uma resposta de Christian Goldbach. Na audiência, estava a própria Catarina I, mas o prefácio do discurso publicado (Petrópolis, 1727) explicava que grande parte da dissertação de Hermann não foi feita, e que, na verdade,

Catarina I ouviu um panegírico alemão feito por Georg Bayer a elogiar a imperatriz e as origens do povo russo.

Para assegurar o reconhecimento internacional, os protocolos da academia foram publicados em latim até 1734 e em alemão até 1741. Todos os académicos eram estrangeiros, dos quais talvez o mais eminente fosse o matemático Leonhard Euler, que trabalhou na Rússia entre 1727 e 1741 e, novamente, de 1766 até à sua morte em 1783. Apesar do seu desenvolvimento lento e irregular, a academia atraiu alguns indivíduos dotados, nomeadamente Mikhaíl Lomonossov, o grande polímata de origens provincianas, que, enquanto estudante adulto, absorveu o melhor da educação moscovita em Moscovo e Kiev antes de frequentar a universidade académica de Sampetersburgo e de prosseguir com os estudos no estrangeiro. No campo literário, Antioch Kantemir e Vassili Trediakovski começavam a deixar as suas marcas. Académicos estrangeiros, como G. F. Müller, acompanharam as expedições a Bering, coligiram muitas fontes sobre a história da Sibéria e colaboraram em grande número de publicações. Fora da academia, o versátil engenheiro e administrador Vassili Tatitchev começou a compilar uma monumental história da Rússia – e em russo –, que só foi publicada décadas depois da sua morte em 1750. O balé foi iniciado sob o governo de Ana, com o trabalho de Jean-Baptiste Landé e a chegada de várias companhias teatrais estrangeiras.

Se Catarina, *a Grande*, é normalmente reconhecida por ter infundido uma «alma» na Rússia, os esforços de Pedro, *o Grande*, merecem referência. Em 1718, o poeta Aaron Hill elogiou «este enviado *génio-gigante*; de estatura divina – para se ajustar ao tamanho da sua coroa!». Para os nossos ouvidos de finais do século xx, o encómio de Hill parece pressagiador:

Respirava uma *alma* prolífica, inspirava a terra,
 E clamava por *ordem*, com uma mão diretora.
Depois, pura energia, logo alastrava por toda a parte,
 E os velhos obstáculos *afundavam-se*, sob a sua vaga.
 Depois, tudo abraçou, o temido domínio aumentou,
 Que, dantes, nenhuma *esperança*, e, agora, nenhum perigo conheciam.